

DIÁRIO DE NARCISO: O OUTRO LADO DO ESPELHO

Dany Al-Behy Kanaan

DIÁRIO DE NARCISO: DISCURSO E AFASIA

de *Maria Irma H. Coudry*, São Paulo, Martins Fontes, 1988. 206p. (Texto e Linguagem)

O mérito do trabalho de Coudry não se encontra somente no fato deste ser pioneiro, em seu sentido concreto, mas no tipo de pioneirismo que representa.

Para empreender tal trabalho, a autora, já de início, formula uma definição de afasia que não tem como pressuposto sua imanência ao sujeito afásico. Assim, é evitada a 'corriqueira' con-fusão afasia-afásico. Este fato é determinante e marcará todo o seu percurso, assim como a conclusão a que chegará.

Como diz a autora, o ponto de partida para seu trabalho foi a insatisfação frente aos rumos que a prática avaliativa com sujeitos afásicos vinha tomando, fundada numa visão tradicional de linguagem – reduzida “a um código de comunicação” e, de outro lado, identificada “com uma faculdade da mente humana” – e de processo terapêutico – inadequado pela ênfase dada aos testes-padrão com a predominância das atividades metalingüísticas (em que a linguagem é vista apenas como “um objeto de observação, descrição e representação”), decontextualização das tarefas de linguagem propostas, insuficiência dos resultados empíricos etc. É esta insatisfação que a leva em busca de uma concepção de linguagem enquanto processo histórico-social, enquanto trabalho, “...trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido...” (p. 55), e de língua enquanto resultado deste processo histórico-social e deste trabalho.

A partir desta concepção de linguagem/língua, buscada na análise de discurso, Coudry orienta sua prática terapêutica procurando fazer com que o sujeito afásico volte a ‘jogar o jogo da

linguagem’, ou seja, assuma os papéis de locutor e interlocutor, podendo então reconhecer-se enquanto sujeito de seu próprio discurso.

É pela via do discurso, entendido, seguindo os passos de Osakabe, como “...interação: uma relação complexa, mais ou menos intensa, entre os interlocutores, que depende do conhecimento mútuo, das pressuposições de partilha, de um contínuo ajuste recíproco de imagens, de simetria ou assimetria de relações sociais anteriores...” (p. 64) que Coudry propõe ‘um conjunto de estratégias’ a fim de criar um “diálogo efetivo e natural” com o sujeito afásico, buscando ao máximo aproximar tais estratégias da realidade e singularidade dele. Da utilização de procedimentos como agenda, álbum de retratos, caderno de atividades, interação com a família, atividades de interesse pessoal – em oposição às tarefas ‘clássicas’ como repetição de parágrafos lidos pelo examinador, escrita espontânea, fala espontânea (como informar onde mora, trabalha etc.) etc. –, sem esquecer, é claro, a especificidade de cada caso, visando ampliar ao máximo as condições de um diálogo com o sujeito afásico. A autora procura, desta forma, utilizar o espaço deixado pela língua, enquanto não determinada, para a atividade do sujeito, já que este é o lugar “social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico e lingüístico” em que se dá a existência do indivíduo.

Como a língua, por si só, não dá conta do todo do qual o discurso participa, fatores como o contexto e os recursos epilíngüísticos tornam-se de extrema importância. O contexto situa o sujeito na sua fala e no momento em que é produzida; os recursos epilíngüísticos auxiliam esta fala, ajudam-no a expressar aquilo de que a

linguagem, estritamente falando, não dá conta. Nesse sentido, é mais que justa a avaliação crítica que a autora faz dos métodos avaliativos tradicionais que, ao decontextualizarem as tarefas de linguagem propostas, ao recorrerem somente a atividades metalingüísticas etc., acabam por criar apenas mais um sintoma dentre os que são postulados em relação ao sujeito afásico.

Talvez o ponto fundamental do trabalho de Coudry seja a sua recusa de um papel de avaliadora, ou seja, presa a um cabedal teórico que apenas a confina e a faz confinar o sujeito afásico. Ao se desvencilhar desta prisão teórica tradicional, torna-se possível sua visão do sujeito, sua compreensão do mesmo, e, sobretudo, sua

interação com ele, percebendo-o aí, no momento em que este se dá a conhecer.

Para finalizar, diria que o trabalho de Coudry, em síntese, poderia ser pensado em termos de uma 'aventura fenomenológica', na medida em que empreende um 'resgate do ser' do confinamento de uma categoria nosográfica que lhe foi infligido, da solidão de um silêncio ao qual é forçado, não por não ter o que dizer, mas para não ameaçar o não saber ouvir dos profissionais que dele se incumbem. E este resgate é feito através do discurso, meio pelo qual o indivíduo se põe no mundo e se faz conhecer. É nesta relação intersubjetiva que a autora se aventura, não para voltar com uma fala *a mais* sobre o sujeito, mas para buscar, com ele, uma fala *além*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

A deficiência auditiva na criança – de Jean-Claude Lafon. São Paulo, Manole, 1989.

Alfabetização e lingüística – de Luiz Carlos Cagliari. São Paulo, Scipione.

Alterações auditivas. Manual de avaliação clínica – de Jerger e Jerger. São Paulo, Atheneu, 1990.

Audição em crianças – de Jerry L. Northern e Marion P. Down. São Paulo, Manole, 1989.

Audiologia infantil – 3ª ed. (ampliada) – de Iêda C. Pacheco Russo e Teresa M. Momensohn dos Santos. São Paulo, Cortez, 1985.

Compreendendo a leitura – de Frank Smith. Porto Alegre, Artes Médicas.

Comunicação total – de Marta Ciccone. Cultura Médica.

Construção da inteligência pela criança – de Maria da Glória Seber. São Paulo, Scipione.

Deglutição atípica – de Célia Haydeé Agustini. Rio de Janeiro, Enelivros, 1989.

Dislexia (uma abordagem neuropsicológica para a educação de crianças com graves desordens de leitura) – de R.E. Vallét. São Paulo, Manole, 1990.

Distúrbios da voz. 4ª ed. – de Margarete Greene. São Paulo, Manole, 1989.

Estética da voz – de Eudósia S. Quinteiro. São Paulo, Summus.

Fisiopatologia clínica do sistema nervoso – de Doretto. São Paulo, Atheneu, 1989.

Literatura infantil. Gosturas e bobices – de Fanny Abramovich. São Paulo, Scipione, 1989.

Neurolingüística dos distúrbios da fala – de Norberto Rodrigues. São Paulo, Cortez/EDUC, 1989. (Fala Viva)

Neurologia infantil – 2ª ed. – de Diamant e Lefevre. São Paulo, Atheneu, 1990.

Neuropsicologia infantil – de Beatriz H. Lefevre. Sarvier.

O som e o sentido – de José Miguel Wisnik. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

PRÓ-FONO. Revista de Atualização Científica. Pró-Fono, 1(1), 1989.

Tratado de audiologia clínica – de Jack Katz. São Paulo, Manole, 1989.

Listagem fornecida pelos livreiros Clotilde e Ruben Viganó (DERDIC).